

IX Seminário de Pesquisas FESPSP - “Desafios da pandemia: agenda para as Ciências Sociais Aplicadas”. De 09 a 13 de novembro de 2020

Grupo de trabalho 6

## Florestan Fernandes, Mario Américo e Pelé: Um estudo sobre o negro no futebol brasileiro

Jorge Oliveira - FESPSP<sup>1</sup>

### Resumo

Em 2020 comemorou-se o centenário de nascimento do sociólogo Florestan Fernandes que é conhecido por suas contribuições para a Sociologia enquanto conhecimento e, especificamente, para o estudo sobre a questão étnico-racial nos anos 1950.

A partir desse período o futebol no Brasil alcançou o seu período áureo, sendo que a Seleção brasileira num intervalo de 20 anos (1950-1970) obteve três conquistas mundiais das 6 copas do mundo disputadas numa média de 50% de aproveitamento.

Mário Américo foi massagista da seleção brasileira nos 6 campeonatos e foi testemunha ocular dos bastidores do esporte nacional atuando tanto no selecionando como em clubes do eixo Rio-São Paulo o se atentando às condições de trabalho oferecidas aos atletas profissionais ao longo de suas carreiras, tecnicamente curtas do ponto de vista profissional. (MANTEUCCI, 1976)

Já Edson Arantes do Nascimento, o Pelé, considerado atleta do século e o maior jogador de futebol da história, iniciou sua trajetória no esporte aos 10 anos e, aos 17, alcançou a profissionalização e veio a ser um dos responsáveis pelas vitórias brasileiras nos mundiais disputados no período. (KFOURI, 2019)

---

<sup>1111</sup> Geógrafo (Bacharel e licenciado) pela USP e graduando em Sociologia e Política pela FESPSP com pós-graduação em Estudos brasileiros. E-mail: JJFENIX@GMAIL.COM

O futebol, implantado no país em 1894 por Charles Muller, tornou-se, nas décadas seguintes o esporte de alta repercussão (TOSTÃO,2016) e isso acabou por resultar em uma ampliação das arenas esportivas para atender metas comerciais, como também para finalidades políticas, algo que Getúlio Vargas utilizou durante o período do Estado Novo. (WISNIK,2009)

Se no início o futebol era praticado pela elite e para a elite, no decorrer do tempo o esporte se popularizou e alcançou um público mais amplo (TOSTÃO, 2019) e veio a ser uma opção profissional para a população negra obter êxito profissional e prestígio no Brasil do pós-abolição, algo não tão comum visto a presença do negro em trabalhos de menor remuneração (FERNANDES, 2008).

O objetivo do presente trabalho é de se valer das memórias de Mário Américo e Pelé para desvendar os dilemas dos futebol que terá, entre os anos 1950 e 1970, um predomínio de atletas negros, algo notório nas seleções que disputaram copas do mundo onde os atletas negros tiveram protagonismo nas campanhas do país nos mundiais.

Para analisar a condição dos atletas serão utilizadas as observações de Florestan Fernandes acerca do negro no Brasil contidas nos livros produzidos pelo autor no período do pós-guerra, especificamente Brancos e negros em São Paulo escrito em co-autoria com Roger Bastide; e a coletânea de artigos agrupadas no livro O negro no mundo dos brancos. (FERNANDES, 2008)

Embora massificado, aglutinador de um grande volume de pessoas e com grande impacto no imaginário social, poucos foram os trabalhos no campo da Sociologia acerca do futebol e do seu impacto na sociedade brasileira do pós-guerra, período onde houve um aperfeiçoamento dos meios de comunicação sobretudo com a implantação da televisão a partir dos anos 1950. (ORTIZ, 2005).

Ao se analisar as memórias de Mário Américo e Pelé notam-se que ambos passaram por situações semelhantes de inserção social: origem em famílias humildes, início precoce em atividades remuneradas, inserção em trabalhos manuais, baixa escolaridade e a ingresso no futebol profissional como forma de ascensão e prestígio social.

Apesar de movimentar um grande volume de recursos a estrutura do futebol não necessariamente garantiu condições adequadas para seus atletas, sejam os iniciantes ou mesmo os profissionais. Pelé aponta nos anos 1950 que, com pouco mais de 15 anos, ele e outros jovens moravam em cômodos que ficavam nos estádios, embaixo das arquibancadas. (NASCIMENTO, 2006)

Outro dilema dos atletas profissionais está ligado as concentrações que ocorrem nos dias que antecedem partidas oficiais onde os jogadores ficam confinados e sem comunicação com seus familiares e amigos. A justificativa é de que isso impede os jogadores de cometerem imprudências que impactem no desempenho profissional. Em suma: um controle o comportamento e os corpos.

Isso acaba por ser um dilema onde tanto Américo quanto Pelé apontam a tristeza e o tédio que isso causa nos atletas por serem privados das liberdades, causando inclusive uma série de dilemas psicológicos. Esse tema, apesar de antigo, só veio a ser rediscutido na década de 1980 quando da formação da democracia corintiana que foi liderada por Sócrates, Wladimir e Casagrande, onde se mostrou que a concentração pode ser relativizada no tocante a sua efetiva eficácia.

Na questão jurídica e política nota-se que a legislação deu para as confederações e clubes o controle sobre a organização da prática esportiva e a regulação das atividades profissionais, Em 1964, dois anos depois do segundo título brasileiro na copa do Chile, foi promulgado o decreto 53820 que regulava a vinculação entre o jogador de futebol profissional e seu clube e que criou o chamado passe, um vínculo estabelecido entre atleta e clube onde o atleta perdia a liberdade de escolher seu empregador já que passava a ser um patrimônio do mesmo. Kfourri aponta que, em muitos momentos, os atletas eram “contabilizados como patrimônio nos balanços anuais” o que indicava a existência de “resquícios da escravidão” (KFOURI, 2019, p. 126).

Assim, por mais que o futebol possibilite um papel de protagonista ao negro enquanto atleta, deve-se levar em consideração que, no tratamento dado a estes, pode-se levantar a hipótese de que a estrutura do futebol brasileiro reproduz muito das formas de opressão e descaso que os negros sofrem em

toda a sociedade, e isso é um convite para a realização de estudos sobre essa importante esfera da vida social brasileira.

Palavras-chaves: Futebol, política, inserção do negro na sociedade do pós-abolição

### A implantação do futebol e sua consolidação

É lugar comum entre os estudiosos apontar que o futebol teve início na Inglaterra em meados do século XIX e foi Charle Muller, filho de um inglês com uma brasileira, quem trouxe, em 1894, as primeiras bolas, apitos e manuais com as regras para a implantação desse esporte no Brasil, mais precisamente em São Paulo num primeiro momento..

Inicialmente era um esporte “jogado somente pelos ricos e brancos” (TOSTÃO, 2016, p. 216) algo que perdurou até os anos 1920 quando no Rio de Janeiro o Vasco da Gama “foi o primeiro clube brasileiro a contratar negros” (TOSTÃO, 2016, p. 216).

Na medida em que o futebol passou a ser um entretenimento de grande apelo junto ao público, notou-se que a estrutura organizacional e administrativa teve que ser cada vez mais eficiente visto a lucratividade proporcionada por esse esporte que, para além das quatro linhas, passava a envolver uma gama cada vez maior de profissionais.

Boris Fausto, em artigo de 2010, listou uma série de setores e profissões que estão atrelados ao universo do futebol:

“(...)empresas detentoras de direitos de transmissão; dirigentes, popularmente designados de cartolas, embora ao que se saiba nunca as tenham usado; empresários de jogadores, novos personagens que brotaram do solo e

floresceram depois da lei Pelé; técnicos com prazo de validade muito curto, descartados após uma breve sequência de resultados negativos; locutores de TV e de rádio, cuja maior virtude é berrar a marcação de um gol, ameaçando matar de ataque cardíaco as senhoras avessas ao futebol; juízes e bandeirinhas que deixam as respectivas mães em casa, como um recurso para aparentar calma diante dos xingamentos e das vaias; jogadores, que reproduzem com lentes aumentadas a hierarquia da nossa sociedade, recebendo na base um salário mínimo (quando recebem) e, no topo, rendimentos muito superiores aos de executivos das grandes empresas multinacionais.” (FAUSTO, 2010, p. 141).

Certos setores foram sendo incorporados na medida em que houve um aperfeiçoamento tecnológico dos meios de comunicação, sobretudo com o desenvolvimento do rádio<sup>2</sup> e da televisão que acabaram por demandar um aumento dos profissionais ligados ao jornalismo esportivo.

Em função da ausência de um sistema de transporte que garantisse uma eficiente interligação terrestre do território, ainda era inviável a realização de um torneio nacional, por isso os campeonatos ocorriam em âmbito citadino e, posteriormente, estadual.

A década de 1930 marcou um novo período no futebol brasileiro que o levou a profissionalização. Isso coincidiu com o período Vargas onde o país passou por significativas mudanças nas estruturas políticas, econômicas e sociais.

SCHWARCZ (1994), aponta que nesse período houve uma ampla difusão da miscigenação como sendo a grande singularidade da população brasileira.

---

<sup>2</sup> Implantado no Brasil a partir de 1922 o rádio se tornou num importante veículo de comunicação nas décadas posteriores já que abarcava um público maior que o do jornal impresso e trabalhava com a imagética. Getúlio Vargas se valeu do rádio como meio de se comunicar com as massas e divulgar os feitos de seu governo em plena ditadura do Estado Novo.

Essa proposição da mistura de etnias como sendo um aspecto de positividade, teve início com Gilberto Freyre e a publicação de *Casa Grande e Senzala* em 1933:

“O momento era, portanto, absolutamente propício ao aparecimento de um livro como *Casagrande & senzala*, cuja primeira edição data de 1933. Retomando a temática das "três raças", Gilberto Freyre oferecia uma espécie de nova racionalidade para a sociedade multirracial brasileira. Tendo como base teórica o culturalismo norte-americano - sem abandonar totalmente os pressupostos raciais dos mestres brasileiros -, a obra de Freyre celebrará a singularidade da mestiçagem, invertendo os termos da equação e positivando o modelo. "Foi o estudo de antropologia sob orientação, do professor Boas que primeiro me revelou o negro e o mulato no seu justo valor - separados dos traços da raça os efeitos do ambiente ou da experiência cultural." (Freyre, 1933, p. 18)." (SCHWARCZ, 1994, p. 3)

Naquele momento vivia-se a construção de uma identidade nacional onde o governo Vargas passou a difundir a imagem do Brasil como sendo um país hordeiro, festivo e cordial. Foi nesse instante que “a identidade e as singularidades nacionais se transformavam rapidamente em "questões de Estado" (SCHWARCZ, 1994, p. 7).

O Estado Novo (1937-1945) criou uma série de datas cívicas, tais como o Dia do trabalho, o aniversário de Getúlio Vargas, o aniversário do Estado Novo e o Dia da Raça “criado para exaltar a suposta tolerância racial de nosso governo e de nossa sociedade”(SCHWARCZ, 1994, p. 8)

A partir de 1933 o futebol brasileiro passou pelo processo de profissionalização (TOSTÃO, 2016) e ampliação dos estádios que passaram a ser utilizados por Vargas para a realização de eventos oficiais, sobretudo em

datas cívicas. É nesse período que surgiu a expressão “estadistas de estádio”<sup>3</sup> visto o quanto o esporte era alçado, simultaneamente, a condição de símbolo nacional e instrumento político.

A partir de 1930 a Copa do Mundo, evento organizado pela FIFA, passou a ser realizado num intervalo de 4 em 4 anos. Apesar dos resultados modestos nas copas de 1930 e 1934<sup>4</sup> o selecionado nacional, que à época usava uniforme branco, já se mostrava competitivo e promissor.

Na Copa de 1938 realizada na França a Seleção se aproximou de obter êxito ao conquistar o terceiro lugar. Foi a primeira seleção brasileira mestiça e isso foi motivo de euforia para Gilberto Freyre que, em razão do desempenho daquele time, apontou o quão assertivas eram as suas idéias acerca da mestiçagem e da democracia racial (WISNIK, 2009).

A mestiçagem dos atletas é um elemento que muitos consideram como o diferencial do futebol brasileiro em relação a outros selecionados. Tostão afirma que “A miscigenação do povo brasileiro foi um fator decisivo para o crescimento técnico do futebol e para o surgimento do estilo habilidoso e criativo. Nascia o futebol-arte, tão admirado em todo o mundo.” (TOSTÃO, 2016, p. 216).

A maior participação de atletas negros contribuiu tanto para a popularização do futebol e sua massificação, quanto para incluir o elemento do improviso como uma singularidade desse esporte praticado no Brasil.

Leônidas da Silva, ídolo maior do esporte na época, foi o principal nome do Brasil na Copa de 1938, tendo recebido, por parte da imprensa e dos torcedores franceses, o apelido de Diamante negro. Há imagens que mostram o quanto Getúlio Vargas se aproximou do selecionado que representou o país naquele mundial para objetivos políticos

---

<sup>3</sup> Expressão cunhada por Millor Fernandes em pleno governo Vargas.

<sup>4</sup> A Seleção brasileira que disputou a copa do Uruguai (1930) e a da Itália (1934) evidenciou uma grande rivalidade entre São Paulo e Rio de Janeiro que, à época, eram as cidades que mais polarizavam as atenções no universo do futebol. Na copa de 1930 os jogadores da seleção eram majoritariamente cariocas, já que São Paulo se negou a enviar a atletas para a Seleção visto a pequena participação dos atletas paulistas no time titular.

Com a ocorrência da segunda guerra (1939-1945) as copas de 1942 e 1946 foram canceladas, fazendo com que o mundial só voltasse a ser organizado em 1950 no Brasil.

1950-1970: transformações sociais, políticas e esportivas no Brasil

O período de 20 anos que vai de 1950 a 1970 é aquele em que a Seleção brasileira obteve os seus melhores resultados em copas do mundo: em 6 disputas, foram 4 finais com 1 vice campeonato e três títulos conquistados e também foi o período de apogeu dos clubes brasileiros, notadamente os times do Santos e do Botafogo na segunda metade dos anos 1950 e início dos anos 1960.

Esse bom momento do esporte nacional ocorreu em um contexto histórico de profundas transformações, tendo destaque a expansão dos sistemas de comunicação que projetou ainda mais o futebol no imaginário coletivo. (ORTIZ, 2005).

Do ponto de vista demográfico houve quase uma duplicação populacional: dos 50 milhões de habitantes existentes em 1950, o país chegou a 90 milhões no início de 1970, sendo que, na transição dos anos 1960 para os anos 1970, houve uma acelerada urbanização (SANTOS, 2005), que fez do Brasil um país majoritariamente urbano e em rápida industrialização.

Houve um aperfeiçoamento dos sistemas de transporte, sendo de grande destaque o rodoviarismo (SCHWARCZ, STARLINBG, 2005) símbolo do plano de metas perpetrado pelo governo JK (1956-1960).

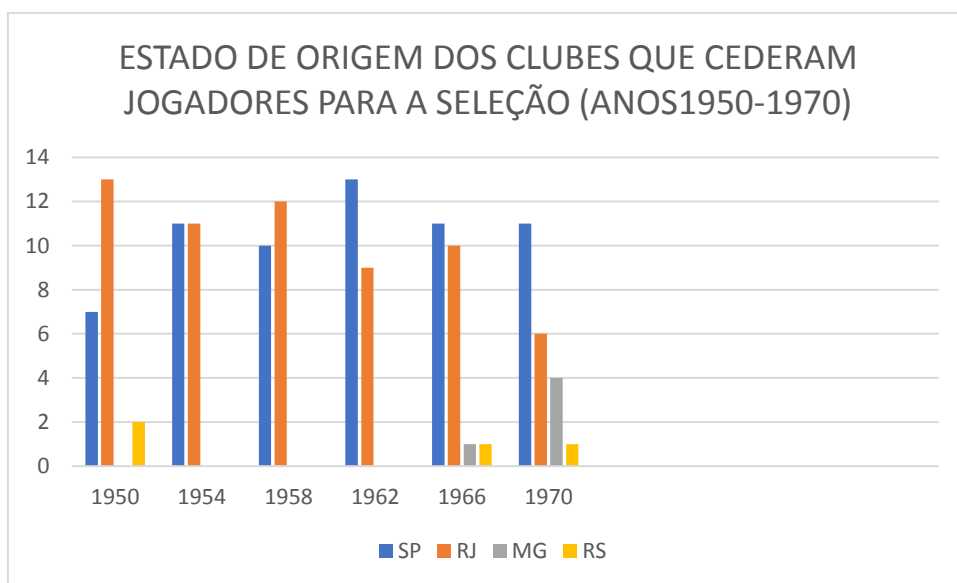
O período, de um modo geral, passou pelo retorno de Getúlio Vargas à presidência,; o episódio do suicídio em 1954 e o desenvolvimentismo do final da década no período JK. Nos anos 1960 tem-se a instabilidade política que desembocou no golpe de estado em 1964 dando início a um período autoritário que teve fim em 1985.



São Paulo e Rio de Janeiro eram as cidades de maior centralidade demográfica e econômica do território e isso, durante o período, fez com que neles se concentrassem os principais sistemas técnicos e de comunicação. Os clubes do eixo Rio-São Paulo rivalizavam entre si na busca de novos torcedores. Por ser a capital política, havia uma maior representação do futebol carioca no imaginário nacional tanto que. Pelé, em seu livro de memórias, aponta que mesmo morando em Bauru no interior de São Paulo, tinha uma grande simpatia pelo Vasco da Gama, já que as rádios transmitiam as partidas do campeonato carioca.

Ao se analisar os jogadores que serviram a Seleção brasileira nas 6 copas disputadas entre 1950 e 1970, é notória a hegemonia de atletas vindos de São Paulo e Rio de Janeiro como bem mostra a tabela 1.

Tabela 1



Fonte: Almanaque das copas

Na tabela fica evidente uma hegemonia paulista e carioca na Seleção brasileira, algo que já ocorria desde a década de 1930 quando se iniciou a participação do país na copa do mundo

Em 1950 a seleção era predominantemente carioca, ao passo que no decorrer das competições posteriores notou-se um aumento do número de atletas do futebol paulista onde a partir dos anos 1960 São Paulo assumiu a liderança do número de jogadores, mesmo assim o Rio de Janeiro continuou

com uma expressiva representatividade. Ainda não era comum os atletas brasileiros que atuavam em clubes do exterior serem convocados para a Copa do Mundo, por isso a dominância de atletas que atuavam no país.

Do ponto de vista político o poder público mostrou ter um papel central sobre esse esporte. Na Copa de 1950 foram utilizados 6 estádios espalhados pelas principais capitais (Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo, Recife, Porto Alegre e Curitiba). Contudo, os dois maiores, no caso o Pacaembú e o Maracanã, além de estarem, respectivamente, em São Paulo e Rio de Janeiro, tratavam-se de estádio públicos municipais construídos nos anos 1940 e que sediaram os jogos da Seleção brasileira naquela competição.

A política está umbilicalmente associada ao futebol e no caso da Copa de 1950 isso se acentuou na medida em que a Seleção avançou na competição até chegar na final contra o Uruguai no Maracanã. Mário Américo, massagista da Seleção brasileira entre 1950 e 1974, indica em suas memórias que na véspera da final a CBD decidiu transferir a concentração da Seleção brasileira para o estádio de São Januário afim de atender aos apelos de figuras da política e da elite que queriam saudar os futuros campeões. Isso, de certa forma, desestabilizou o elenco para a partida decisiva (MANTEUCCI, 1976, p. 102).

No dia da final, num Maracanã com mais de 200 mil espectadores, o então prefeito do Rio de Janeiro, General Mendes de Moraes, fez um discurso que conclamava os atletas brasileiros a cumprirem um único papel: o de vencedores do mundial.

Derrotados pelo Uruguai pelo placar de 2 x 1 aquilo soou como um banho de água fria, silenciando o gigantesco Maracanã que assistiu ao bicampeonato da seleção albiceleste, e onde os jogadores brasileiros foram considerados como os únicos culpados e responsáveis pelo vice-campeonato e pouco se mencionou sobre os dirigentes e os políticos envolvidos com a Seleção e a organização da Copa do Mundo. Nota-se, dessa forma, que o jogador é um protagonista do espetáculo, mas de carreira curta; é o merecedor de aplausos que precisam ser constantemente reconquistados a cada rodada, a cada nova temporada, enquanto que os dirigentes e seus interesses se valem dos holofotes para realizarem seus negócios e se isentarem de qualquer responsabilidade pelos

resultados adversos. Ou seja: o atleta está sempre no limiar do heroísmo e da vilania.

Ao final do jogo, Mário Américo conta o quanto a torcida se silenciou e ao mesmo tempo esbravejou contra os atletas:

“O Maracanã ainda não estava totalmente construído e as janelas não tinham batentes, nem vidros. O público enfiava a cabeça e xingava lá do alto: ‘- Seus filhos da puta, seus malditos, na saída nós vamos matar todos’. Ficamos três horas ali, por ordem das autoridades, até que o público foi afastado” (MANTEUCCI, 1976, p. 105)

Tendo tido um desempenho modesto no mundial de 1954 na Suíça, poucos acreditavam no êxito da Seleção na Copa de 1958 na Suécia, ocorrida em meio ao período desenvolvimentista de JK. A grande mudança ocorreu no comando da CBD com a ascensão de João Havelange que, como presidente da entidade, passou a circular nos meios políticos e midiáticos, permanecendo por mais de 16 anos a frente da confederação até se tornar presidente da FIFA.<sup>5</sup>

Para o mundial de 1958, Havelange colocou Paula Machado de Carvalho<sup>6</sup> como chefe da delegação e ofereceu uma estrutura de atendimento odontológico, psicológico e de exames clínicos para que os atletas estivessem em suas melhores condições físicas para a disputa da competição.

Naquele ano, liderados por Didi, Garrincha e o adolescente Pelé, a Seleção se sagrou campeã mundial, encantou a imprensa internacional e, finalmente, estava no topo do futebol. Na partida final contra a Suécia, enquanto o Brasil vencia o time anfitrião da Copa, Pelé, em suas memórias, lembra-se de

---

<sup>5</sup> No livro *Jogo duro* que conta a trajetória de João Havelange o jornalista Ernesto Carneiro Rodrigues aponta que à frente da FIFA João Havelange se tornou uma figura presente nos círculos de poder e fez do futebol mundial um grande negócio envolvendo meios de comunicação e governos. Figura controversa, Havelange foi afastado da FIFA em 1998 em função de denúncias de corrupção.

<sup>6</sup> Empresário do ramo de comunicação, foi proprietário da rádio e TV Record. Como chefe da delegação na seleção campeã em 1958 recebeu a alcunha de Marechal da vitória.

a torcida sueca fazer coro a favor dos brasileiros dizendo: “Samba! Samba!”<sup>7</sup> (PELÉ, 2006, p. 99)

As memórias de Pelé acerca daquela copa do mundo apontam para um elemento importante: o predomínio de seleções com jogadores predominantemente brancos, à exceção do selecionado brasileiro: “A essa altura, eu tinha observado uma outra coisa sobre a Copa do Mundo: todas as demais equipes só tinham jogadores brancos. Achei aquilo muito estranho. Me lembro de perguntar aos meus companheiros: -Será que só existe preto no Brasil?” (PELÉ, 2006, p. 97)

Sem dúvida a participação de atletas negros construiu a identidade do futebol brasileiro, criando um futebol arte (TOSTÃO, 2016), contudo, na medida em que a participação do negro no futebol foi aumentando, práticas cada vez mais arcaicas se consolidaram na estrutura organizacional desse esporte no Brasil.

## O atleta negro e as condições de trabalho

A década de 1950 marcou uma importante transformação nas Ciências Sociais produzidas no Brasil quando a UNESCO decidiu por investir em pesquisas que indicassem formas de convivência étnicas harmoniosas.

Em razão da grande difusão das idéias de Gilberto Freyre<sup>8</sup> acerca de uma pretensa democracia racial, o Brasil, segundo a UNESCO, poderia ser uma referência de país onde as disputas étnicas não alcançavam níveis alarmantes de conflito civil como os que se viam nos EUA e na África do Sul no período do pós- guerra.

---

<sup>7</sup> Isso pode evidenciar o quão eficiente foi a política Vargasista de consagração do samba como símbolo de brasilidade no período do entre guerras.

<sup>88</sup> No período Salazarista, as idéias de Gilberto Freyre foram utilizadas como forma de legitimação do processo colonial português na África no século XX. A partir daquele instante o autor de Casa grande e senzala passou a ter uma grande repercussão no exterior.

Florestan Fernandes, juntamente com Roger Bastide, coordenou a pesquisa sobre relações étnicas na cidade de São Paulo e, posteriormente, fez uma série de estudos sobre a condição do negro na sociedade do pós-abolição.

Indo na contramão dos argumentos de Gilberto Freyre, Florestan aponta que o racismo é algo corrente na sociedade brasileira. Isso, segundo o autor, se manifesta das mais variadas formas, sendo que no mercado de trabalho é dominante, no imaginário coletivo, a imagem do negro como trabalhador de setores manuais.

Desse modo pode-se afirmar que, no Brasil, a cor é um marcador social da diferença que, nos dizeres de SCHWARCZ, apontam que a cor nunca é neutra, mas sim é carregada de elementos de positividade ou negatividade. (SCHWARCZ, 2012).

As artes (música, teatro, cinema, televisão, circo etc) se tornaram uma importante área de trabalho no momento em que o país passou por uma rápida difusão do rádio e da indústria fonográfica. Para os negros tornou-se num meio de prestígio e ascensão social. Nei Lopes, em seus estudos sobre a condição do negro no século XX, aponta que os artistas negros raramente eram referidos pelo nome como tantos outros não negros eram identificados (Mário Reis, Nelson Gonçalves, Noel Rosa). Os artistas negros, em sua maioria, sejam em revistas ou no meio radiofônico eram identificados pelos apelidos, tais como Gasolina, Carvão, Jamelão, Escurinho e etc.

No futebol, quando se analisam os atletas, essa lógica permaneceu, onde os profissionais eram identificados por apelidos como Coutinho, Pelé, Garrincha, Zizinho, Didi e etc.

Ao se analisar as memórias do massagista Mário Américo e também do jogador Pelé podemos ver que, na visão de ambos, há coisas que são inerentes a maioria dos atletas de futebol profissional, tais como:

- a precocidade no início da carreira;
- a baixa escolaridade;
- as precárias condições de trabalho oferecida dentro dos clubes;

- a prática da concentração na véspera dos jogos;
- a carreira ser de fôlego curto e encerrada quando o atleta se aproxima dos 30 anos;
- o uso indiscriminado de anti-inflamatórios e anabolizantes que aumentam o desempenho e trazem efeitos colaterais negativos a curto e médio prazo.

Mário Américo (1912-1990) nasceu em Minas Gerais e ainda adolescente se aventurou pelas esquinas de São Paulo exercendo uma série de atividades manuais tais como de engraxate e garçom. Após uma breve incursão na música passou a treinar boxe, e veio a participar de competições oficiais realizadas no eixo RJ-SP. A partir dos anos 1940 se mudou para o Rio de Janeiro e passou a atuar como massagista nos principais clubes da cidade até ser levado a Seleção brasileira.

Mário Américo aprendeu noções de fisiologia e anatomia convivendo com os médicos dos clubes em que trabalhou, tanto que muitas vezes era quem aplicava injeções nos jogadores. Por um breve período frequentou a Faculdade de Educação física do Rio de Janeiro como ouvinte:

“Eu não podia cursar uma faculdade, pois não tinha nem ginásio mas o dr. Nilton conseguiu (...) que eu frequentasse como ouvinte. Só havia uma condição: em troca teria que ensinar boxe aos professores e alunos, com a ordem secreta de poupar os professores e largar brasa nos alunos. Fiquei um ano ai, fui muito assíduo e assim consegui uma base científica para a minha profissão.”  
(MANTEUCCI, 1976, p. 27-28)

Figura atenta, Américo teceu uma série de observações acerca do futebol brasileiro e do modo como os atletas dos grandes clubes eram tratados. Apontou os muitos dilemas a que estão expostos para alcançarem um bom desempenho,

como antiinflamatórios e anabolizantes, mesmo que, futuramente, os muitos medicamentos acabassem por encurtar a vida útil do atleta, o obrigando a uma aposentadoria precoce.

Pelé, igual Américo, é mineiro e se mudou ainda criança para a cidade de Bauru, interior de São Paulo, em função da carreira futebolística de seu pai. Assim como Américo, ainda menino, realizou uma série de trabalhos manuais dentre eles o de engraxate. Já com 9 anos, no ano em que o Brasil foi vice campeão no mundial de 1950, já fazia parte das categorias de base do Bauru Atlético Clube e começou a ter destaque. Aos 16 anos mudou-se para Santos e passou a viver nos alojamentos localizados abaixo das arquibancadas do Estádio Urbano Caldeira, também conhecido como Vila Belmiro.

A carreira de Pelé teve uma ascendência rápida tanto que em menos de dois anos após se tornar um atleta profissional, já havia conquistado o título de campeão do mundo pela Seleção brasileira na copa da Suécia.

No pós-copa o Santos Futebol Clube se valeu da popularidade de Pelé e da boa fase de seu elenco para fazer uma série de excursões pela Europa: “Na nossa primeira viagem à Europa, jogamos 22 vezes em apenas seis semanas. Era ridículo – não havia tempo para relaxar, mal dava tempo de nos deslocarmos de um estádio ao outro” (PELÉ, 2006, p. 116).

Nessa época o Santos chegou a fazer 14 partidas em 14 países diferentes, obrigando os atletas a dormirem no próprio aeroporto. (PELÉ, 2006, p. 116). Assim como Américo, Pelé tinha baixa escolaridade e só pôde completar os estudos nos últimos anos de carreira como jogador onde conciliou a atividade esportiva com a acadêmica.

As memórias dessas duas personalidades do futebol brasileiro evidenciam o quão precárias eram as condições de trabalho dos atletas apesar do glamour e da fama que a mídia construía nas coberturas cotidianas.

Numa análise mais apurada fica evidente qual é o lugar do negro dentro dos clubes: nos gramados, nos vestiários e, em maior número, nas arquibancadas, afim de garantir renda para os clubes. Isso demonstra que o negro se restringiu a exercer o papel de trabalhador manual, sendo vedada a ocupação

de cargos diretos dentro das equipes ou mesmo das confederações esportivas. Até mesmo na posição de técnico eram raros os treinadores não brancos.<sup>9</sup>

É, de certa forma, na esfera trabalhista, um exército de chuteiras, de carreira curta e exposto aos mais variados riscos como lesões e fraturas, além de terem baixas remunerações<sup>10</sup> que os deixavam em dificuldades no pós-carreira.

Isso vai de encontro ao que Sueli Carneiro define como uma divisão racial do trabalho, onde o negro ocupa determinados campos profissionais e a ele é negado outras formas de ocupação.

Florestan Fernandes nos três livros em que analisou as condições de trabalho do negro na sociedade, pouca atenção deu para a condição do atleta negro e sua ligação com os clubes. Provavelmente isso está associado ao fato de as ciências sociais à época ser um conhecimento acessado por uma elite que acabava por desprestigiar as manifestações populares como os programas de televisão, as músicas de carnaval e o futebol.<sup>11</sup>

Para além da questão do atleta e de sua ligação com o clube há o aspecto político envolvendo a legislação que regulamentou a prática esportiva e a organização das confederações como também acabou por tornar o jogador numa espécie de propriedade dos clubes enquanto aqueles estivessem em atividade.

---

<sup>9</sup> Mário Américo conta sobre o caso do jogador Gradim que, após a aposentadoria, se aventurou como treinador e segundo Américo um "técnico sensacional, mas sem apoio, talvez por ser de cor. Puxava de uma perna, em consequência de uma operação infeliz, e esse foi outro fato negativo em sua breve carreira" (MANTEUCCI, 1976, p. 90)

<sup>10</sup> Estudos recentes apontam que uma grande porcentagem dos jogadores profissionais chegam a receber até um salário mínimo por mês, enquanto que os jogadores de alto desempenho e bem remunerados não ultrapassam os 5%.

<sup>11</sup> Em suas memórias o sociólogo e jornalista Juca Kfourri aponta que, em 1970, cursava a graduação em Ciências Sociais na Universidade de São Paulo numa sala com pouco mais de 20 alunos e que, em meio a Copa do México, Gabriel Cohn, seu professor, marcou prova para o dia de uma partida da seleção. Kfourri protestou e afirma os olhares de seus colegas de reprovação por associarem o time brasileiro com o governo Médici. Há pouco mais de vinte anos é que a academia tem se detido a discutir o futebol e suas implicações sociais.



## O futebol nos decretos

O trânsito do dinheiro no espetáculo de massas atraiu uma série de investidores que lidam com os clubes e os atletas, os chamados cartolas (FAUSTO, 2010). Nesse ponto nota-se que os clubes e as confederações sempre tiveram a presença de indivíduos endinheirados como bem aponta Mário Américo ao descrever a situação dos clubes cariocas nos anos 1940: “(...) os clubes dependiam quase que exclusivamente dos dirigentes, geralmente homens ricos e vaidosos, que pagavam quase todas as despesas e agiam como donos” (MANTEUCCI, 1976, p. 24).

Esses mesmos dirigentes fizeram uso da popularidade dos clubes para obter cargos públicos pela via eleitoral (MANTEUCCI, 1976). Durante a ditadura do Estado novo pode-se aventar a hipótese de que os dirigentes influenciaram nos dois decretos assinados por Getúlio Vargas que demarcaram o funcionamento dos desportos no Brasil e estabeleceu o sistema hierárquico regulador da prática esportiva.

O decreto 3.199 de 1941 definiu o surgimento da Confederação Nacional dos Desportos, uma entidade federal que ficou responsável pela fiscalização das Confederações, federações e associações desportivas do país. Constituída por 9 capítulos e 61 artigos esse decreto regulou todo o funcionamento do desporto nacional e estabeleceu uma centralização do processo decisório nas mãos do presidente da república e do ministro da educação e da saúde<sup>12</sup>, posto à época ocupado por Gustavo Capanema.

A CBD (Confederação brasileira de Desportos) era a instituição, segundo o decreto, que tinha o futebol como desporto básico e essencial, mesmo que essa instituição também aglomerasse outras modalidades. tais como o tenis, o atletismo, o remo, a natação, os saltos, o water-polo, o volley-ball o hand-ball

---

<sup>12</sup> Até o início dos anos 1990 o esporte esteve ligado a esse ministério. No governo Collor (1990-1992) foi criada a secretaria dos esportes que teve Arthur Antunes Coimbra, o Zico, como ministro. Em 1995, no governo FHC (1994-2002), foi criado o Ministério dos esportes que teve Edson Arantes do Nascimento, o Pelé, como ministro até 1998.

Apesar de a Confederação Nacional dos Desportos, entidade governamental, controlar as confederações, nota-se que o decreto deu autonomia para que essas estabelecessem as regras e as normas de funcionamento dos esportes, bem como a organização dos contratos entre entidades e atletas que, firmados, garantiam a participação em competições oficiais.

Mesmo assim, tais contratos deveriam estar nas mãos do Conselho Nacional dos Desportos para fins de fiscalização e centralização decisória tão comum ao funcionamento do Estado Novo Vargasista.

Já o decreto 5341 de 1943 determinou que as entidades não poderiam criar cargos de alto comando com remuneração e reforçou o grau de autonomia das confederações para organizar as competições.

Diferente do decreto de 1941, este mencionava a relação entre atletas e entidades e estabelecia regras para negociações. Primeiramente que a relação trabalhista, segundo o decreto, seria regulada pela assinatura de contratos.

Os decretos assinados por Vargas trouxeram normas e regras que permanecem ainda hoje como reguladores da prática esportiva no Brasil, tanto que ainda há o Conselho Nacional de Desportos com pessoas indicadas pelo presidente da república para fiscalizar as confederações, federações, clubes e demais associações.

Nos anos 1960, no tocante ao futebol, o país conquistou a segunda copa do mundo, disputada no Chile em 1962, com destaque para o desempenho magistral de Mané Garrincha, já que Pelé se contundiu e apenas disputou a primeira partida da seleção naquele mundial.

Dois anos depois desse feito e poucos dias antes do golpe político-militar que instaurou um regime autoritário, João Goulart assinou o decreto 53820 de 24 de março de 1964.

Diferente dos decretos assinados por seu padrinho político nos anos 1940 que estabeleceu normas para todos os desportos praticados no país, Jango e o então ministro da educação Júlio Sambaqui, se detiveram em discutir as condições de trabalho do jogador de futebol, seja considerando os aspectos

climatérios, o intervalo de horas entre os jogos oficiais e, por fim, as condições de vida do pós carreira, sendo que esse último motivou a delimitação das regras do chamado “passe”.

O “passe” era o vínculo existente entre jogador e clube. No decreto ficou marcado que a venda do passe trazia uma série de valores para os clubes e era necessária estabelecer uma porcentagem para o jogador, sendo que 15% foi a quantia definida para que o atleta administrasse quando se aproximasse do final de carreira. Naquela época já se viam ex-jogadores que, sem vínculo com clubes, tocavam suas vidas em sub empregos e passavam por situações financeiras desastrosas. Isso, sem dúvida, está ligada a curta carreira de atleta e a baixa escolaridade que acabava por ser um empecilho no momento de reinserção desse cidadão no mercado profissional.

Tanto que entre os envolvidos com o esporte, já se tinha a idéia de o quanto era “vantajoso” para o jogador obter esse valor. Mário Américo fala disso quando da sua passagem como profissional da Portuguesa de Desportos nos anos 1960 ao relatae a comoção causada pela saída do clube do zagueiro Ditão transferido, naquele momento, para o Corinthians:

“Ditão foi outro grande praça que não consigo esquecer (...) Sua saída foi tão comovente, que quase todos choraram (...) Mas foi necessária. Já estava passando da idade e o melhor era ir para outro clube. A transferência, além do mais, proporcionou-lhe um dinheiro extra, os 15% sobre o valor de seu passe, além das luvas.” (MANTEUCCI, 1976, p. 49)

Analisando o decreto nota-se uma grande desproporção na negociação do passe, já que o clube ainda permaneceria com 85% do valor negociado e

ainda contava com a isenção de impostos<sup>13</sup>. Em 1961, antes do decreto de Jango, o Santos disputava na Itália o campeonato Itália 61 e, na véspera do jogo com o time da Juventus de Turim, Pelé e o então presidente do Santos, Athiê Jorge Cury, tiveram um almoço com Umberto Agnelli, então proprietário da FIAT e do time da Juventus.

Segundo relato de Pelé, em uma determinada altura, Agnelli chegou a propor 1 milhão de dólares pela transferência de Pelé para o futebol italiano. O negócio não foi aceito, mas, caso se concretizasse, Pelé teria, segundo o decreto de 1964, direito a 150 mil dólares da negociação e o Santos a exatos 850 mil dólares!

Para além da desigualdade de lucros envolvendo a negociação do passe, ficava evidente que o vínculo atleta-clubes era algo, segundo Kfour (2019), análogo a escravidão, já que o jogador, com a lei do passe, virava uma propriedade tanto que em muitos momentos os atletas eram “contabilizados como patrimônio nos balanços anuais” (KFOURI, 2019, p. 126).

Logo após a conquista da Copa de 1970, Pelé e alguns atletas de renome do futebol tiveram uma audiência com o presidente Médici afim de discutir a questão do passe bem como as condições trabalhistas dos jogadores:

“(…) juntamente com outros jogadores, tive um encontro com o presidente Médici para reivindicar mais direitos para os jogadores. (...) a situação no Brasil era vergonhosa. Era uma espécie de servidão. Depois que o seu contrato com o clube terminava, você não estava livre para jogar em outro lugar – precisava obter a permissão do clube primeiro. E frequentemente era tratado com desrespeito. Não havia planos de aposentadoria, assistência médica ou seguro-saúde. Eu tinha visto o que acontecera com o meu pai e com o Vasconcelos: nenhum deles tivera qualquer rede de segurança no trabalho. Os jogadores de futebol

---

<sup>13</sup> Garantido pelos decretos assinados por Vargas no Estado Novo.

poderiam ser deuses para o público, mas em termos trabalhistas eram tratados só um pouco melhor do que escravos. Fomos nos encontrar com o presidente Médici e, embora ele parecesse simpática à causa, nada foi feito. (PELÉ, 2006, p. 200-201)

Nota-se assim que o futebol, apesar de ser o principal esporte do país e o que detem a maior circulação de recursos, tem claras evidências de sub trabalho na sua organização trabalhista algo que se consolidou no seu período mais vitorioso e de maior visibilidade no exterior. Com os atletas apartados do debate político, os benefícios dos decretos foram muito maiores para os clubes e seus dirigentes. Astros do futebol cotidiano, os jogadores estariam relegados a poucos anos de glórias e uma vida inteira pela frente em busca de uma nova atuação profissional tendo, no horizonte futuro, o abandono e a frustração.

## Conclusão

O futebol, enquanto esporte e fenômeno de massa, ajuda a entender a sociedade e a relação entre o esporte e a política. Apesar de consagrado como um grande símbolo da brasilidade, sobretudo por meio da Seleção brasileira e seus desempenhos, nota-se, contudo, que os atletas de futebol, majoritariamente negros, foram cada vez mais explorados.

O avanço das comunicações possibilitou a maior massificação do esporte sobretudo pelas emissoras que tinham sede no eixo RJ-SP e isso explique, talvez, a alta popularidade de clubes como Flamengo e Corinthians.

Se na aparência o futebol é emoção, com os ídolos e a alegria dos torcedores, na sua essência, no entanto, é uma esfera social complexa marcada por interesses e desigualdades que reproduzem as relações praticadas no tecido social brasileiro e que são uma consequência dos processos históricos.

Como o último país ocidental a abolir a escravidão o Brasil reproduziu no século XX a máxima de Levi Strauss de que “há mais passado no presente do que possamos imaginar”. Em razão do passado escravista a cor de pele, segundo Florestan Fernandes, é um elemento que demarca quais os postos de trabalho a serem ocupados pela população negra.

Nos anos 1920, às vésperas do centenário da independência, a população negra passou a ser aceita num esporte até então vinculado a uma aristocracia branca. Isso trouxe três resultados: a massificação do esporte, uma nova possibilidade de ascensão social para a população negra e, por fim, a adoção de práticas que visavam controlar as atitudes e os comportamentos dos atletas, como é o caso da concentração às vésperas das partidas.

Mário Filho em seu livro *O negro no futebol brasileiro* dá indícios de a concentração ter sido implantada nos anos 1920 pelo Clube de Regatas Vasco da Gama justamente o primeiro clube a aceitar negros no futebol profissional. Ou seja: na medida que os negros se hegemonizaram no esporte, concomitantemente, se implantaram medidas de controle e domínio que culminaram na criação da lei do passe às vésperas do golpe militar de 1964.

Nos anos do pós guerra até o início da década de 1970 viu-se cada vez mais o futebol brasileiro obter repercussão e, ao mesmo tempo, problematizar as questões trabalhistas no esporte em favor das entidades, apesar de os decretos fazerem uma menção aos atletas.

Num momento em que se traz a tona o tema do lugar de fala, nada mais salutar do que aproveitar o depoimento as memórias de Mário Américo e Pelé que viveram de perto o período mais vitorioso do futebol nacional. Em suas memórias, para além das glórias e conquistas, é relatada as condições de trabalho e precarização e do quanto a política se faz presente no esporte. No Brasil há a máxima de que futebol e política não se discutem. É possível rebater tal argumentação ao apontar que, quem não gosta de política, está condenado a ser governado pelos que gostam muito.

Negar a relação entre futebol e política é uma forma ideológica de impedir que os atletas e a população em geral percebam a essência do esporte e a exploração que os atletas sofrem ao longo de suas curtas carreiras.

Florestan Fernandes chegou a sugerir que a solução para uma efetiva inserção do negro na sociedade de classes é o surgimento de uma classe média negra que passe a ter um papel de liderança e convencimento, afim de levar as demandas dessa população para o debate público.

No caso do futebol isso é cada vez mais difícil vista a precocidade com que as carreiras se iniciam, obrigando os jovens a optar entre o futebol e o estudo, colocados como inconciliáveis e, em certa medida, como antagônicos. Os livros, nesse caso, perdem para a bola.

Nos anos 1970 e 1980 a questão do passe e da concentração foram rediscutidas a partir de dois atletas: Afonsinho e Sócrates. Antes de ingressarem no futebol profissional, esses atletas tinham, em comum, a formação acadêmica (eram médicos), serem de classe média e brancos. Isso aponta o quanto a dimensão étnica deve ser considerada nos estudos sobre o futebol no Brasil para evidenciar privilégios, discrepâncias e possibilidades de mudança.

As ciências sociais e seu arsenal teórico-metodológico podem trazer importantes contribuições para o tema ao mostrar que a essência do futebol nacional precisa ser rediscutido para se ir além dos gols, das traves e das redes e, assim, alcançar as pessoas e suas relações.

## Bibliografia

ALENCAR, Carlos. Juca Kfourir: O militante da notícia. Imprensa oficial: São Paulo, 2006.

CARDOSO, Tom. Sócrates. Objetiva: São Paulo, 2014.

CARNEIRO, Sueli. Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil. Selo negro: São Paulo, 2011.

FAUSTO, Boris. De alma lavada e coração pulsante. Revista de História da USP: São Paulo, 2010.

FERNANDES, Florestan e BASTIDE, Roger. Brancos e negros em São Paulo. Global editora: São Paulo, 2008.

FERNANDES, Florestan. O negro no mundo dos brancos. Global editora: São Paulo, 2008.

KFOURI, Juca. Confesso que perdi. Companhia das letras: São Paulo, 2019.

KFOURI, Juca. Por que não desisto: Futebol, dinheiro e política. Disal editora: São Paulo, 2009.

MATEUCCI, Henrique. Memórias de Mário Américo o massagista dos reis. Editora Grafik: São Paulo, 1976.

MORAES NETO, Geneton. Dossiê 50. Maquinária editora: São Paulo, 2014.

NASCIMENTO, Edson Arantes do. Pelé a autobiografia. Editora Sextante: Rio de Janeiro, 2006.

ORTIZ, Renato. A moderna tradição brasileira. Editora Brasiliense: São Paulo, 2005.

RODRIGUES, Ernesto. Jogo duro: A história de João Havelange. Editora Record: Rio de Janeiro, 2007.

SANTOS, Milton. A urbanização brasileira, EDUSP: São Paulo, 2005

SCHWARCZ, Lilia Moritz e STARLING, Heloisa. Brasil: uma biografia. Companhia das Letras: São Paulo: 2015.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Complexo de Zé Carioca: notas sobre uma identidade mestiça e malandra. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 29, n. 10, p. 17-30, 1995

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Nem preto, nem branco, muito pelo contrário. Editora Claro enigma: São Paulo, 2012.

TOSTÃO, Eduardo Gonçalves Andrade. Futebol, metáfora da vida in AGENDA BRASILEIRA: TEMAS DE UMA SOCIEDADE EM MUDANÇA. BOTELHO, ANDRE E SCHWARCZ, LILIA MORITZ (ORGS.). Companhia das letras: São Paulo, 2016.



TOSTÃO, Eduardo Gonçalves Andrade. Tempos vividos, sonhados e perdidos. Companhia da Letras: São Paulo, 2018.

WISNIK, José Miguel. Veneno remédio: o futebol e o Brasil. Companhia das letras: São Paulo, 2009.

#### Sites

Documentário                      Passe                      livre                      Link:  
<https://www.youtube.com/watch?v=mD036antolM>

Documentário                      Subterrâneos                      do                      futebol.                      Link:  
<https://www.youtube.com/watch?v=lifwMulDE18>

Lp O mundo de Pelé – depoimento para o MIS em 26.06.1967. Link:  
<https://www.youtube.com/watch?v=3UYEoC7ueWg&t=1446s>

Vox Populi – Pelé – Link <https://www.youtube.com/watch?v=TbZ3j-Wpcms>